

# Como aceder ao desejo das crianças pequenas e como sustentá-lo?<sup>1</sup>

Liane Mozère\*

## Resumo

Pesquisas realizadas há mais de quarenta anos nas creches francesas permitem mapear, por meio das mudanças surgidas com as transformações da sociedade ou da instituição, de que forma pode advir o desejo das crianças pequenas. Mediante a produção de espaços-tempos e agenciamentos pode, então, ocorrer o que Félix Guattari denomina grupo-sujeito e, com Gilles Deleuze, agenciamentos coletivos de enunciação que, como sugerimos, constroem uma memória comum que anula o tempo, sempre pronta a se refazer.

\* Universidade Paul Verlaine, Metz, França. Socióloga e economista, PhD, Professora emérita.

## Palavras-chave

Creches; agenciamentos coletivos de enunciação; desejo; grupo-sujeito.

**1.** Traduzido do francês por Doro-thée de Bruchard.

# ***How to access small children's desire and how to sustain it***

## ***Abstract***

*Forty years researching daycare in France have led to mapping, through changes in society or in the institution, how small children's desire occurs. Through agency and the production of space-times, subject-groups, as defined by Felix Guattari, can occur, as well as collective enunciation, according to Giles Deleuze, could be put into practice, building a common memory that neutralizes time, and is always ready to reappear.*

## ***Keywords***

*Daycare; collective assemblages of enunciation; desire; subject-group.*

Como mapear, a partir das conceitualizações de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a forma como se desdobram as micropolíticas? Não sendo filósofa, vou fundamentar-me numa pesquisa sociológica de campo que venho conduzindo há vários anos, mas que, ultimamente, venho centrando numa pergunta: como aceder ao desejo das crianças pequenas (o a 6 anos) e como abrir espaços-tempos que favoreçam sua expressão, seu desdobramento numa proliferação rizomática<sup>1</sup>?

## Marcos históricos

A primeira creche foi fundada em Paris em 1847 por Firmin Marbeau, um filantropo, que criou a *Œuvre nouvelle*<sup>2</sup> da creche parisiense. Esses estabelecimentos, igualmente criados por outras instituições de caridade de todos os credos, visavam moralizar os filhos de operários, mas constituíam igualmente, para quem os patrocinava, uma marca de distinção em termos de prestígio e uma engrenagem nas relações extremamente complexas entre as diversas instâncias políticas, morais e religiosas. Para que uma criança fosse aceita na creche, deviam ser preenchidas certas condições: seus pais tinham de ser casados, sóbrios e gozar de excelente reputação. Antes da descoberta da assepsia por Pasteur, a mortalidade infantil era extremamente alta nessas creches: encontraram-se nos arquivos documentos em que o médico da creche recomenda a supressão do aquecedor, a fim de evitar o contato com suas emanções (Maury, 1984). Em termos de mortalidade infantil, as consequências foram, como se pode imaginar, catastróficas. Seguiu-se, então, um período, que eu qualificaria de higienista, em que a preocupação primeira era o combate aos micróbios e a instauração da primazia da higiene. As creches se tornaram, então, um local purificado de todo miasma, constantemente faxinado<sup>3</sup>. Para o psiquiatra Stanislas Tomkiewicz, a concepção que se tinha da criança fazia com que ela fosse vista como um mero tubo digestivo. Inteiramente despida assim que chegava à creche, a criança era ali introduzida, nua, por um guichê, criando-se assim uma fronteira intransponível entre um exterior considerado sujo e um interior asseptizado. Uma tabuleta avisava claramente: “É proibida aos pais a entrada nas dependências da creche”. Uma sala de amamentação era o único espaço em que as mães podiam, em horas marcadas, entrar para amamentar seu bebê.

**2.** Trabalho há mais de quarenta anos nas creches de um departamento nas cercanias de Paris.

**3.** N.T. “Obra nova” – *Œuvre Nouvelle des Crèches Parisiennes*, associação de creches ativa ainda hoje.

**4.** Luísa, uma auxiliar de puericultura, dirá que, muito tempo depois das transformações de que falarei mais adiante, a diretora, ao entrar, apanhava rapidamente uma vassoura para não dar a impressão de estar sem fazer nada, mesmo quando conversando com uma das crianças.

Tal organização higienista veio naturalmente acompanhada de uma estrutura hierárquica piramidal rígida, dominada pelos médicos, em que o diálogo se reduzia a ordens às funcionárias e recomendações aos pais. Um autêntico dispositivo de saber e poder, tal como descrito por Foucault (1975). Uma vez transposto o milagroso limiar, a criança era banhada, coberta de talco e vaselina, prontamente envolta em fraldas e vestida com uma camisola. Imaculadamente branco, aquele era o mundo do silêncio, das mulheres submissas, das crianças apartadas umas das outras por cortinas brancas desde a mais tenra idade e, quando mais velhas, confinadas num imenso cercado, legítima arena de disputas, por não haver brinquedos em quantidade suficiente. Alguns psicólogos, a partir do final dos anos cinquenta, iriam se inquietar com a apatia e a falta de estimulação das crianças e que se conversasse com elas, se organizassem brincadeiras, se cantassem cantigas. Algumas auxiliares de puericultura<sup>4</sup> atuavam “nos bastidores”, para usar a terminologia de Goffman, embalando as crianças, organizando cirandas e contações de histórias. De modo geral, porém, a situação das crianças era inapropriada.

## O que se passa?

Vemos operar aquilo que Deleuze e Guattari denominam “segmentos duros”, que funcionam em modo de oposições biunívocas:

O interior / o exterior sujo, além de perigoso,

O sábio (médico) / o leigo representado pelas “virtudes” “naturais” das funcionárias;

A creche enquanto instituição / seu papel injuntivo (Chevallier, 1972)<sup>5</sup>.

O corpo da criança era então considerado e tratado apenas como um organismo e seu desenvolvimento era previsível (Piaget, 1985; Freud, 1999; Lacan, 1980). Convém, aliás, acrescentar que o corpo das auxiliares de puericultura era igualmente reificado: também eram corpos forçados a efetuar os gestos apropriados, as posturas corporais

adequadas, a fim de disciplinar as crianças (a colher virada na boca, o guardanapo debaixo do prato). O sistema de estratificação punha ênfase num organismo unificado e em cuidados padronizados e idênticos para todas as crianças da mesma ida-

**5.** A equipe que atende as crianças recebeu basicamente uma breve formação paramédica de um ano de duração.

**6.** No final da tarde era servida uma sopa, o que, por um lado, pressupunha incompetência ou negligência por parte dos pais e, por outro, visava à difusão de práticas alimentares.

de, no mesmo momento. Esse organismo unificado não podia romper-se, desviar-se. Todos os órgãos se achavam em seu devido lugar, sem dedos no nariz, sem mãos dentro das calças. Esse sistema se encontrava *embedded* (embutido) em vários subsistemas de segmentação dura: autoridades locais, nacionais, organizações profissionais e segmentações sociais (as creches eram, obviamente, destinadas aos “pobres”).

Tal dispositivo gerou, no entanto, e como que à revelia, subconjuntos laterais em que outros roteiros podiam ser seguidos, que o sistema molar (segmentação dura) não lograva reprimir totalmente: a aliança entre uma cozinheira e uma auxiliar, momentos de vacuidade e silêncio repentinamente rompidos por um riso que contagiava adultos e crianças. Essas “pequenas invenções”, para usar um termo de Gabriel Tarde, só eram possíveis desde que, por outro lado, e de modo não contraditório, coexistissem com o dispositivo, sem que se acionasse o sistema de alarme da máquina molar. Uma espécie de clandestinidade maquínica adjacente aos mecanismos institucionais pesados. Existiria, assim, uma rigorosa oposição entre molar e molecular, ou seja, entre dois tipos de segmentaridade? Afirmam Deleuze e Guattari (1980, p. 259-260):

Não basta, porém, opor duas segmentaridades, uma flexível e primitiva, e outra moderna e endurecida. Pois as duas, embora bem distintas, são inseparáveis, emaranhadas uma na outra, uma dentro da outra... Toda sociedade, e também todo indivíduo, são simultaneamente penetrados por essas duas segmentaridades. [...] Tudo é político, mas toda política é, a um só tempo, macro e micropolítica.

Os centros de poder não conseguem manter um controle absoluto sobre o sistema. Citando Tarde (1999): “Em que momento os camponeses de tal região deixaram de saudar os ricos proprietários?”. Esses microeventos têm origem sempre que alguém desenvolve uma ideia ou inventa um objeto, e é imitado por outro alguém. Pela propagação dessa ideia ou desse objeto, argumenta Tarde, é que ocorrem as mudanças. Em outras palavras, um detalhe minúsculo começa a crescer. “A imitação é a propagação de um fluxo; a oposição é a binarização dos fluxos; a invenção é uma combinação, ou conexão, de fluxos diversos. [...] E o que é um fluxo, para Tarde? É crença ou desejo (os dois aspectos de todo agenciamento)” (Deleuze; Guattari, 1980, p. 267). Tarde (1999), que, em vão, se opôs ao positivismo de Durkheim, insiste:

Do himeneu do monótono com o homogêneo, o que poderá nascer senão o tédio? Se tudo advém, se tudo visa e tudo vai para a identidade, qual é a fonte deste rio de variedades que nos ofusca? O certo é que o fundo das coisas não é tão apagado, tão desbotado como se supõe<sup>6</sup>.

## Maio de 1968

Qual o primeiro estudante que, no dia 3 de maio, começou a erigir uma minibarricada no *boulevard* Saint Michel, gritando “*Liberdade para os nossos colegas*”? Eu vinha passando por ali, saindo de um curso que estava dando na Faculdade de Direito, e vi outros jovens se juntarem em resposta àquele primeiro gesto (no sentido de uma canção de gesta), reforçando a barricada. Fui imediatamente juntar-me a eles, embora fosse dez anos mais velha. As forças policiais lançaram granadas de gás lacrimogêneo, e voltei para casa dizendo “*Algo está se passando*”. E, de fato, na manhã seguinte à grande noite das barricadas de 10 de maio, uma videasta britânica filmou um documentário entrevistando os moradores: estavam todos chocados com a brutalidade da intervenção policial. O que os estudantes e outros tinham impulsionado e vivido naquela noite adquirira uma consistência subjetiva para os moradores, inclusive para aqueles cujos carros tinham sido queimados (hoje sabemos que foi a polícia quem ateou o fogo). Era um agenciamento. Agenciamento é o que mantém unidos elementos muito heterogêneos – um som, uma cor, um gesto, uma posição, etc., naturezas e artifícios: é uma questão de consistência que precede os comportamentos... Como é que as coisas adquirem consistência? Entre coisas muito distintas, pode haver uma continuidade intensiva (um platô como zona de continuidade intensiva) (Deleuze, 1980, p.165). Em 1968, não houve, entre as maiores figuras da macropolítica (partidos, sindicatos), quem soubesse tocar a partitura, que elas tinham, na verdade, perdido – estavam cegas e surdas, mesmo porque ninguém podia posar de dono daquele estranho e desvairado movimento.

## E nas creches?

Quanto às creches, vou agora tentar mapear de que forma se deram, se desenharam, esses emaranhados molares e moleculares; analisar se Maio de 68 teve um impacto significativo no modo como as crianças pequenas passaram a ser vistas e tra-

**7.** A edição original (1983) desta obra de Gabriel Tarde está digitalizada em: <[http://classiques.uqac.ca/classiques/tarde\\_gabriel/monadologie/monadologie.html](http://classiques.uqac.ca/classiques/tarde_gabriel/monadologie/monadologie.html)>. Esta citação está na página 38. (Nota dos organizadores do dossiê)

**8.** Em *Mille plateaux* [*Mil platôs*], um deles se intitula “Trois nouvelles ou ‘Que s’est-il passé?’” [“Três novelas ou ‘O que se passou?’”] (1980, p. 235).

tadas a partir de então. Maio de 68 foi um momento mágico, em que todos e todas podiam aceder àquilo que Hirschman (1995) chama de “*voice*”, e os anglo-saxões, de *agency* ou poder de agir, por meio da pergunta spinozista: o que pode um corpo? O mais importante talvez fosse que mais ninguém, além de mim, poderia falar “em meu nome”. Creche da Sorbonne: o que fazer com os filhos, enquanto os pais manifestavam? Uma professora primária, Françoise Lenoble Prédines, aparece na Sorbonne, onde algumas estudantes tinham organizado uma creche *selvagem*<sup>9</sup>. E ali se instala. Passa um jornalista, atônito ante a presença de crianças de todas as idades, brincando ali mesmo, no chão. “*Estão precisando de alguma coisa?*”, pergunta. De colchões, fraldas, mamadeiras. O apelo é veiculado na imprensa, e vizinhos e transeuntes não demoram a levar material e brinquedos. A vida se organiza alegremente. Françoise Dolto, que passava por ali, observa que as crianças, naquela animada desordem, estão tranquilas e apaziguadas. Um pequeno milagre. Há que se mudar, ao sabor das investidas policiais. Homens e mulheres se revezam: refeições, sextas, brincadeiras se organizam em meio a um provisório despido de ansiedade; instaura-se uma espécie de rodízio: uma experiência que promove agenciamentos e encontros (Mozère, 1992).

Nas creches tradicionais, em que o único registro de linguagem era, até então, a injunção e o assentimento, a “libertação da palavra” foi difícil e demorada. Diz Sylvaine, por exemplo, uma auxiliar de puericultura: “*Levei anos para conseguir conversar ‘normalmente’ com a sra. Kolos.*”. Com um dos grupos do CERFI<sup>10</sup> criados por Félix Guattari, eu dera início a uma pesquisa-ação em que, longe de julgar os efeitos nocivos e dessocializantes da creche geralmente apontados pelos “especialistas”, fomos à escola das auxiliares. Graças a um agenciamento coletivo de enunciação associando uma médica-chefe – ex-integrante da Resistência, que ouvira o *slogan* “É proibido proibir” e abriu as portas das creches para os pais –; de um psicanalista trotskista lacaniano que escutava, cachimbo na boca, o silêncio ensurdecedor das auxiliares solicitadas a expressar seu anseio; das greves – de psicólogas, inclusive –, pipocando por toda parte, e em seguida a chegada do CERFI, algumas palavras romperam o silêncio, alguns passos de esguelha se esboçaram, alguns gestos se soltaram, escapando ao jugo utilitarista: uma carícia no lugar de uma luva de banho asperamente esfregada numa carinha coberta de geleia, cantigas suavemente murmuradas. Um clima. Um estilo. Sentavam-se no chão (“*é sujo*”, dizia-se até então). Aquelas mulheres com habili-

**9.** Selvagem no sentido de fúria, mas também de erva daninha, erva selvagem. [Erva daninha, no original *mauvaise herbe*, adquire em francês, ao se falar de crianças, o sentido de travessa, malcomportada. (N.T.)].

**10.** Coletivo de pesquisa autogerido, fundado em 1966.

dades vernáculas produzidas na imanência de uma prática que se libertava das imposições costuraram almofadas; transformaram seus corpos em promontórios, em penínsulas, em vastas planícies onde se podiam aconchegar, aninhar, enfiar as crianças, que descobriam o próprio corpo no contato com materiais diversos, transpondo limiares até então proibidos. Chafurdavam na água; pintavam com os dedos; exploravam o próprio corpo nu; escorria areia, arroz; experimentavam sensações táteis, auditivas, olfativas. Linhas de fuga que abriam a possibilidade de uma economia do desejo. Forças do desejo se atualizavam também para as auxiliares. Eram aqueles os anos ricos, no sentido colocado por Gilles Deleuze em *Abécédaire* (1988-1989), mas era também uma época em que se acreditava no mundo presente.

## O que é um grupo-sujeito?

Abriam-se, portanto, na creche, espaços-tempos em que se podiam atualizar virtualidades impensáveis, inesperadas, totalmente improváveis: pais e profissionais se encontravam fora da creche; organizavam-se piqueniques, fluxos de afetos, mas também de amor. Claude e Dominique viveram, juntas, uma história de amor propriamente impensável. Parecia ser *Paradise now*<sup>11</sup> ou o terceiro gênero de conhecimento. Tratava-se de um agenciamento coletivo de enunciação. Neste ponto, gostaria de interromper um instante minha argumentação. Em 1965, Félix Guattari descreveu dois tipos de grupos, os grupos sujeitados e os grupos sujeitos. Foi quando ele conceitualizou pela primeira vez aquilo que, com Gilles Deleuze, denominaria “agenciamento coletivo de enunciação”. Um grupo sujeitado é um conjunto fechado, sujeito à lei hierárquica de seu funcionamento, com um objetivo que o excede e transcende, e cujo propósito é manter-se como tal, a qualquer preço. Um grupo sujeitado possui rituais, estatutos, funções estritamente demarcadas. É foco de incontáveis microfascismos. O grupo-sujeito, pelo contrário, constitui-se de forma pragmática, é um grupo *ad hoc* que se cria em função de um propósito imanente e temporário. Tal grupo se encontra direta e imediatamente conectado com o externo. Uma vez cumprido seu propósito, pode se fragmentar, se reconfigurar, se conectar com outros. Funciona como um rizoma. O que acontecia ali, naquela creche, tinha toda aparência de um grupo-sujeito.

No entanto, como vimos acima, Deleuze e Guattari não cessam de apontar para o extremo emaranhamento dos dispositivos molares e dos movimentos moleculares. As linhas de fuga não teriam nenhum efeito, se não repassas-

**11.** Título de uma peça emblemática epônima do *Living Theatre*, grupo de teatro engajado que promovia a participação dos espectadores.



sem pelas organizações molares, retrabalhando seus segmentos, suas distribuições binárias em relação aos sexos, às classes, aos partidos políticos e aos sindicatos. Essas organizações molares foram paulatinamente exercendo uma influência mais e mais perceptível, uma vez que toda linha de fuga traz consigo alguns perigos. Mapear esses perigos está no cerne do que Deleuze e Guattari (1980, p. 277) chamam de “objeto da pragmática ou da esquizoanálise”, em que não se trata de interpretar ou representar, “mas tão somente de desenhar mapas e traçar linhas”. O perigo maior é o medo.

Temos, o tempo todo, medo de perder. A segurança da grande organização molar que nos sustenta, as arborescências a que nos agarramos, as máquinas binárias que nos fornecem um estatuto bem definido, as ressonâncias em que entramos, o sistema de supercodificação que nos domina: nós queremos tudo isso... Fugimos diante da fuga, endurecemos nossos segmentos, entregamo-nos à lógica binária. (Deleuze; Guattari, 1980, p. 277)

Também na creche o enquistamento assume a forma do medo; estaria o grupo voltando a ser sujeitado? Oposições binárias são reinjetadas: os pais não são intercambiáveis com as profissionais, o externo deve ser contido em limites, as duas mulheres apaixonadas são excluídas e, sorratamente, isoladas dos demais. As portas, antes abertas, a fim de facilitar passeios, excursões e até deambulações solitárias, fechavam-se de repente – inicialmente, a pretexto de que as crianças estavam ficando ansiosas, com tantos caminhos percorridos, caminhos indecifráveis traçados na imanência de uma situação contextualizada, situada, diriam as feministas. Auxiliares passavam a criticar o que, de repente, soava como negligência, desleixo. Babette: *“Afim, tínhamos criado nossos próprios filhos do jeito como era antes”*. O medo subjacente sendo, obviamente: *“Será que agimos errado com nossos filhos?”*. Reterritorializações, fixações, obrigações contaminavam o espaço, momentaneamente liso, da creche. Faziam-se muitas reuniões, discussões improvisadas, às pressas, acordos arranjados.

Mas o grupo, apesar das barreiras, das portas que se fechavam sub-repticiamente, permanecia um grupo-sujeito. Ele “viajava”, visitando outras creches, relatando sua experiência de turmas de idades mistas, sem omitir as dificuldades enfrentadas pelo caminho, filmando e permanecendo aberto para o externo. As crianças do pré-

-primário visitavam as do maternal para lhes mostrar o universo que seria o seu. Mas a organização molar se apoderou dessa vida, infestou-a, contaminou-a, de certa forma, por meio de mudanças que afetavam o contexto local (a médica-chefe se aposentou, novas disposições regulamentares surgiram, o CERFI investiu em outras áreas de pesquisa), nacional (novas diretrizes) e internacional (crise do petróleo). Dez anos depois, deparamos com todos os segmentos duros que tinham sido momentaneamente flexibilizados e transformados (meu território, minhas raízes): novas barreiras foram erguidas, as designações se fizeram mais rígidas na repartição dos funcionários. Essa creche fossilizou-se, de certa forma; tornou-se, inclusive, um grupo sujeitado à imagem que tinham dela as demais creches do departamento<sup>12</sup>; tornou-se, de algum modo, um modelo a ser seguido.

### Insubmersível, porém, flui o desejo...

Ora, toda experimentação é singular, não reproduzível, cada nova experimentação tem seus próprios caminhos a serem seguidos, seus próprios percursos, que ela traça em meio à imanência, conforme o que mexe com o desejo de todos os envolvidos. Ora, eis que a máquina molar se apossou do modelo: todas as creches foram intimadas a praticar a mistura de idades nas turmas, tal como experimentada, num longo processo de maturação, em Aubervilliers – o que equivale a negligenciar o que Félix Guattari chama de trabalho institucional, com sua dimensão inconsciente e micropolítica; ou, em outras palavras, a desconhecer o caráter processual e singular de toda micropolítica. Ao invés, assistimos a “(uma) interiorização dos valores capitalísticos”.

Há trinta anos, quando iniciamos o trabalho na clínica de La Borde (num contexto de estrutura tradicional em suas relações com os poderes de Estado, com a Seguridade Social), vivenciamos, não raro com paixão e entusiasmo, microprocessos de transformações. Nesse contexto, La Borde empreendeu diversas pequenas mudanças que lograram certo grau de eficácia no sentido de transformar as relações entre técnicos e pacientes, e entre os próprios técnicos... Este processo, porém, não conseguiu abrir uma brecha no paredão do Estado: ricocheteou. (Guattari, 2011, p. 67).

As transformações foram, porém, consideráveis: rodízio de tarefas, grupos de análise reunin-

<sup>12</sup>. N. T. Subdivisão administrativa do território francês

do “profissionais” e leigos – os camponeses do Loir et Cher. “O puxador da porta”, diz Oury<sup>13</sup>, “tem de ser terapêutico”.

Trinta anos depois, Irène Jonas e eu conduzimos uma pesquisa-ação nesse mesmo departamento, em que grupos reflexivos congregavam auxiliares voluntárias em reuniões mensais por um período de dois anos. Estivemos com 80 auxiliares. E esses grupos funcionaram um pouco ao modo dos grupos de conscientização iniciados pelas feministas americanas. Nesse grupo, em que todas as intervenções dos participantes eram anonimizadas, gravadas, depois decodificadas; em que não se impunha qualquer posição hierárquica, uma vez que era exclusivamente composto por auxiliares, observamos uma prodigiosa falta de reconhecimento por seu trabalho e engajamento.

Mas o mais impressionante era, por outro lado, a manifestação de uma “inteligência comum” que, de certa forma, sobrevivera aos anos setenta, inclusive entre as auxiliares mais jovens que não os tinham vivido. Através dos relatos (o que as americanas chamaram de “narrativas”) podiam-se ouvir, ou mesmo *ver*, literalmente, incríveis criações improvisadas, produzidas por essas mulheres atentas ao desejo das crianças e, portanto, ao seu próprio desejo. Apresentamos, então, uma hipótese: não poderíamos dizer que algo vivo e singular flui por baixo das recuperações molares; das serializações denunciadas por Sartre; dos enquistamentos – algo da ordem de uma memória comum, um meio em que se cristalizam os processos moleculares? Um rastro, de certa forma, de grupos-sujeitos ocorridos no passado? E não se atualiza essa memória comum, no ponto em que, tanto as antigas – conhecidas em 1970 –, como as mais recentes, podiam apreender pelo centro<sup>14</sup> aquilo que, para além do tempo e das peripécias históricas impostas pelos dispositivos molares, impele-as, de súbito, para um agenciamento coletivo de enunciação? Citemos alguns exemplos do que elas denominaram “momentos mágicos”. A invenção de uma menininha, que resistia a comer o espinafre que sobrara em seu prato e, conversa vai conversa vem, acabou pedindo para ir ao banheiro, de modo a se livrar dos legumes, que levou escondidos na meia. A brincadeira de Dany com um gatinho que outra criança trazia escondido na mão: Dany “tomava conta” dele pela manhã; na hora da sesta, perguntou se ela o queria de volta; e a menina adormeceu com o gatinho na mão. Esther, enfim, que, num dia de chuva, convidou as

**13.** Jean Oury, fundador da clínica de La Borde. Esta frase é incessantemente repetida na La Borde, desde sua criação, em 1953, até os dias de hoje.

**14.** Em *Mille plateaux*, Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980) afirmam que aquilo que advém surge pelo centro. “Cai-se”, literalmente, num agenciamento, cai-se em cheio, de certa forma.

crianças para tomar um banho de mar, as crianças ligaram para os pais, que levaram roupas e toalhas de banho, protetor solar. A turminha toda seguiu para a estação de trem, comprou os bilhetes, admirou a paisagem desfilando pela janela e chegou, finalmente, à praia. Trocaram de roupa, passaram protetor, jogaram-se na água, quando a pequena Dorothee disse a Esther: *“Puxa, você jogou água em mim!”*. Ainda estavam todos na sala da creche, e chovia lá fora! (Mozère; Jonas, 2011). Para concluir, embora provisoriamente, voltemos às possíveis origens dessa memória comum, da reativação desses agenciamentos coletivos de enunciação.

Para melhor compreender, voltemos um pouco no tempo. Anos depois de minha primeira pesquisa, em 1971, na creche de Pont Blanc, descobri que tinha havido uma crise gravíssima, de que eu não tivera conhecimento, embora a visitasse praticamente todo dia. Trata-se da “crise da surra”. Uma educadora infantil, Bernadette, que tinha vivido em Israel e depois fugido para a Jordânia junto com os refugiados palestinos, trabalhara em jardins de infância obviamente distantes dos padrões então em vigor na Europa. Ao chegar a essa creche, ficara perturbada com a rigidez do funcionamento; com o ilimitado poder hierárquico constituído pelo binômio diretora-educadoras infantis – do qual ela ainda não fazia parte –; com a disciplina imposta às crianças. Tentara, então, tímidas aproximações, buscando tecer convivências, alianças, alguns sorrisos, fiapos de frases. Mas a máquina é implacável. Certo dia, Bernadette veio ter com a diretora, chorando: *“Ela bateu numa criança, de novo”*. Referia-se a uma auxiliar que surrava regularmente as crianças. Os pequenos sinais que esta última emitira tinham, afinal, produzido essa aliança. A diretora, rígida, sem dúvida, havia participado do grupo com o psicanalista de cachimbo e tinha se perturbado, ou até despertado para a necessidade de aceder, mesmo parcialmente, ao desejo das crianças. Convocou imediatamente uma reunião tumultuosa, ou pior, dramática: houve choro, palavras duras, mas também palavras apaziguadoras, abraços, gestos de consolo. Expressão das palavras e dos corpos. A diretora compreendeu, então, que era preciso ir até o fim do processo, ou a creche inteira estaria arriscada a cair num buraco negro. Instaurou-se uma nova relação de forças, consensual e inclusiva. A auxiliar acusada saiu aos prantos da reunião e, em seguida, da creche; mas o caminho estava outra vez aberto para novos possíveis (Mozère; Aubert, 1977). Não seria, então, adequado dizer que processos moleculares, uma vez surgidos, permanecem ocultos, enquanto vigorar a relação de poder imposta pelas máquinas molares, mas, na primeira oportunidade, essas forças do desejo tornam propriamente à vida, reconectam-se

sem qualquer mediação ou, em outras palavras, atualizam novos possíveis? “Atualizar o virtual... A realização depende de um ato de criação que é inseparável de sua atualização... e, no entanto, não pode ser pensado... Esgotando o possível é que o criamos” (Zourabichvili, 1995, p. 356). A saber, um *occursus*<sup>14</sup> em que o processo de singularização pode evadir-se. “Acreditar, não num outro mundo, mas no vínculo entre o homem e o mundo, no amor ou na vida, acreditar nisso como no impossível, no impensável: ‘o possível, senão sufoco’.” (Deleuze apud Zourabichvili, 1998, p. 221). Não estariam essas microcriações que acabo de mencionar sinalizando uma das mil maneiras de mapear essa economia do desejo?

## Referências bibliográficas

CHEVALLIER, L. *Classes laborieuses, classes dangereuses pendant la première moitié du XIX<sup>e</sup> siècle*. 1972.

DELEUZE, G. *Abécédaire*. Diretor: Pierre-André Boutang. França, 1988-1989. Entrevistas televisivas com Gilles Deleuze e Claire Parnet.

DELEUZE, Gilles. *Deux régimes de fous*. Conversa com Catherine Clément. Paris, Minuit, 1980, p.165.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mille Plateaux*. Paris: Minuit, 1980.

FOUCAULT, M. *Surveiller et punir*. Paris: Gallimard, 1975.

GUATTARI, F. *De Leros à La Borde*. Fécamp, France: Éditions Lignes, 2011.

HIRSCHMAN, A. O. *Défection et prise de parole*. Paris: Fayard, 1995.

MAURY, H. *Puériculture et état de guerre*. Paris: Rapport Ministère de la Recherche, 1984.

MOZÈRE, L. *Le printemps des crèches. Histoire d'un mouvement*. Paris: L'Harmattan, 1992.

MOZÈRE, L.; AUBERT, G. Babillages... Des crèches aux multiplicités d'enfants. *Recherches*, Paris, n. 27, maio 1977.

MOZÈRE, L.; JONAS, I. *On «garde» des vaches mais pas les enfants. Paroles d'auxiliaires de puériculture*. Paris: Érès, 2011.

TARDE, G. *Monadologie et Sociologie*. Paris: Institut Synthelabo, 1999. (Coleção Les empêcheurs de penser en rond).

ZOURABICHVILI, F. Deleuze et le possible (de l'involontarisme en politique). In: ALLIEZ, E. (Org.). *Gilles Deleuze une vie philosophique*. Paris: Institut Synthelabo, 1998. p. 336-357. (Coleção Les empêcheurs de penser en rond).

*Submetido à publicação em 11 de março de 2013.*

*Aprovado em 04 de junho de 2013.*